



ASSOCIAÇÃO FAMÍLIAS

2009

N.º 1

Dia do Pai

Mensagem da Associação Famílias...

... pág. 2

Acção Voluntária

Projecto do Conselho da Europa sobre a acção voluntária com fins sociais...

... pág. 3

Carta das pessoas em fim de vida

... pág. 3

Educação sexual nas escolas

... pág. 4

Carta para uma cultura de respeito pela vida

... pág. 5

Nascer antes do tempo

A realidade dos nascimentos prematuros

... pág. 6

Dia Europeu da Criança por nascer

25 de Março

... pág. 7

O drama do Casamento

- Que Casamento?
- As palavras do Cardeal Patriarca de Lisboa

... pág. 8

Infamílias

11 anos

www.a-familias.org

19 Março

Dia do pai

Não sei como se diz Pai
Em russo ou japonês.
Não sei,
Nem isso é importante.

Mas sei,
Que Pai,
Em português
Se escreve
com P de presença
Perdão e Paciência.

Com A de Amor
(obviamente)
Abnegação
E abraço

Com I,
Letra fundamental,
De imagem
(referência),
Integridade
E inteligência
(compreensão).
Pai,
Três letras, somente,
Escrínio de um sentimento:

Saber estar,
Saber escutar,
Saber Amar.
Também saber morrer
Pois só morrendo,
É que os filhos vão crescendo.

Carlos Aguiar Gomes



Editorial

A propósito do Dia do Pai que agora se assinala, julgamos pertinente dedicar alguma atenção às conclusões do 1º CONGRESSO NACIONAL DA MATERNIDADE, realizado na Universidade Católica, em Lisboa, no dia 7 de Março de 2009.

Assim, a primeira conclusão é que a **maternidade e a paternidade são valores sociais eminentes de tal maneira que mereceu mesmo consagração na Constituição Portuguesa**, sendo que é dela que resultam a vida humana.

A criação de condições para que da fertilidade humana resultem todos os seus efeitos desejados e esperados é um imperativo para todos e para os poderes públicos em geral que não podem nem devem criar dificuldades à sua livre expressão.

Um aspecto referido é que das crianças depende o futuro da humanidade. O seu interesse, de que a maternidade e a paternidade são a primeira instância de reconhecimento e protecção, não pode em qualquer circunstância ser posto em causa ou objecto de instrumentalização.

Diversos estudos mostraram com grande evidência que para além da questão demográfica, factor de desenvolvimento e sobrevivência da humanidade, da maternidade e paternidade, encorajadas, protegidas e acarinhadas, resulta o ambiente mais propício a um crescimento saudável de que resulta uma maior qualidade e riqueza da contribuição das novas gerações para o desenvolvimento económico e sustentável.

Um aspecto referido ao longo deste congresso foi a necessidade do estabelecimento de vínculos seguros e estáveis entre um homem e uma mulher que se estendem nos seus efeitos às crianças e dessa forma lhes proporcionam o ambiente ideal de crescimento. Foi afirmado que a **família, resultante do casamento, a união entre homem e mulher**, é simultaneamente resultado e lugar indispensável à realização da maternidade e paternidade. A dignidade, estabilidade e segurança do casamento são por isso instrumentos fundamentais para que se possam realizar nas melhores condições a maternidade e a paternidade. Aos poderes públicos apenas cabe reconhecer

o que já resulta da experiência humana recusando-se a qualquer engenharia social oposta a esta instituição.

Sendo a **maternidade e a paternidade geradoras de família, a célula base da sociedade, impõe-se o respeito** do princípio da subsidiariedade pelo qual não deve nenhuma instância propor-se a fazer o que a anterior pode realizar em melhores condições. O respeito deste princípio deve começar desde logo na educação dos filhos, uma função insubstituível dos pais, à qual o estado é apenas suposto ajudar na medida em que lhe for pedido e sempre obedecendo às suas indicações.

Conclui-se ainda que para um **ambiente plenamente favorável à maternidade e paternidade é indispensável que sejam respeitadas as liberdades de consciência e religiosa** de forma que os pais e as mães possam realizar a sua própria humanidade nas condições ideais, únicas que proporcionam às crianças geradas as circunstâncias adequadas ao seu próprio crescimento e ao desenvolvimento pleno das suas potencialidades.

A **maternidade e paternidade sendo dados da natureza humana não dependem dos poderes públicos. No entanto estes devem criar as condições necessárias (sociais, económicas, culturais) para que aquelas se possam realizar plenamente** abstendo-se de todas as atitudes e medidas que as podem prejudicar. Em democracia os poderes públicos resultam da vontade livremente expressa de todos os cidadãos. Essa vontade no entanto tem os limites que resultam da condição e dignidade humanas sem o que não existe possibilidade de livre desenvolvimento da humanidade e de cada um prosseguir a sua felicidade. No limite é mesmo a própria democracia que é posta em causa porque o seu fundamento é a dignidade humana.

A terminar, os congressistas afirmaram que em Portugal nos próximos meses todos os cidadãos serão chamados a pronunciar-se sobre a condução do destino colectivo, e que como tal, homens e mulheres, pais e mães, estarão presentes afirmando o valor da maternidade e paternidade e verificando em cada momento quem e como se propõe a colocar esta questão em discussão pública e decidido a propor medidas concretas que as favoreçam.

Mensagem para o Dia do Pai

Cada criança e jovem precisa de um Pai atento, presente fisicamente e, sobretudo, presente afectivamente...

A Associação Famílias, atenta à realidade mutante do nosso tempo, deseja aproveitar a comemoração do DIA DO PAI para, mais uma vez, assinalar a importância do Pai no desenvolvimento/educação de cada filho. Pela sua presença construtiva, afectivamente equilibrada e responsável, o Pai é, tem de ser, uma figura familiar insubstituível. O crescimento harmonioso de cada filho, o que todos os pais desejam, depende, sem dúvida, da intensidade da vivência da paternidade.

O mundo moderno interpela-nos diariamente sobre o modo de ser e

de agir do e jovem precisa Pai. Cada criança de um Pai atento, presente fisicamente e, sobretudo, presente afectivamente.

Um dos dramas actuais tem a ver com falta de disponibilidade, muitas vezes real, de os pais estarem efectivamente presentes no quotidiano de seus filhos.

Por isso, para o exercício da paternidade, se exige formação contínua que permita descobrir o que a cada pai se exige em cada etapa do

Um dos dramas actuais tem a ver com falta de disponibilidade, muitas vezes real, de os pais estarem efectivamente presentes no quotidiano de seus filhos. Por isso, para o exercício da paternidade, se exige formação contínua que permita descobrir o que a cada pai se exige em cada etapa do desenvolvimento dos filhos.



S. José, numa representação de El Greco, modelo de Pai

desenvolvimento dos filhos.

Tornou-se vulgar, infelizmente pouco reflectido, o princípio de que se é Pai para sempre e não Pai às vezes, quando apetece ou não dá aborrecimento. Ser Pai é um percurso de que conhecemos a partida mas desconhecemos a meta e de que não se pode sair sem lesar gravemente a educação dos filhos.

Neste dia, dedicado particularmente a reflectir sobre o papel do Pai no seio de uma Família, interpelamos cada Homem-Pai sobre o modo como exerce essa nobilíssima e insubstituível função que é a paternidade. Recordamos os que já partiram. Exortamos os que, por muitas e variadas razões, se têm demitido ou fraquejaram de serem pais, a reencontrarem o seu papel familiar.

Convidamos todos os filhos a agradecerem ao seu Pai tudo o que têm feito por eles e o muito que continuam a esperar do Pai ao longo da sua vida.

Apelamos aos decisores políticos, económicos, sociais e culturais que criem condições facilitadas do exercício da paternidade.



Mensagem da Associação Famílias para o Dia do Pai 2009

Educação Sexual nas Escolas

os Pais têm o dever e o direito de serem os primeiros e principais educadores dos seus filhos

Estão em debate, no Parlamento, os Projectos de Lei nº 634/X (PCP), que "Estabelece o regime de aplicação da educação sexual nas escolas" e o 660/X (PS), que "Estabelece o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar".

É imprescindível que os cidadãos – pais participem construtivamente. Entendo que o nosso silêncio será grave. Na realidade, o que está em jogo é a educação das crianças e jovens na dimensão da sua sexualidade. Como não há educação neutra, como educar já implica valores éticos e morais,

como se pode fazer educação e, neste caso, o aspecto da educação da sexualidade? Não se trata de ensinar a biologia da reprodução, que já é feita há muitos anos. O que está em jogo é de outra natureza. Mais profunda e conseqüentemente, mais sensível. Além disso, convém nunca esquecer, que os Pais têm o dever e o direito de serem os primeiros e principais educadores dos seus filhos. Por isso, nesta área ultra delicada, os Pais têm de se decidir a exigir o cumprimento de um direito que é seu.

Arca do Bebê

ARCA DO BEBÉ é um projecto desenvolvido pela Associação Famílias de apoio a bebés e suas famílias. O apoio prestado tem sido e vai continuar a ser, a nível de acompanhamento psicológico e social, de roupas e algum mobiliário. Têm-se contemplado famílias carenciadas e/ou em risco de exclusão social

de todo o distrito de Braga, tendo-se alargado a Angola e a Timor.

Os pedidos, crescentes, têm sido encaminhados para a Associação Famílias por instituições oficiais ou privadas.

A Associação Famílias tenciona, a muito breve trecho, alargar o âmbito deste seu trabalho.



Foto nesta pág. - Oferta dos Escuteiros de Palmeira - Braga
Foto pág. seguinte: Trabalho Voluntário na Arca do Bebê

A criancinha quer... a gente dá...

FONTE: <http://aeiou.visao.pt>

A respeito do Dia do Pai que agora assinalamos, julgamos pertinente a publicação deste artigo de opinião, da autoria de Miguel Carvalho, publicado no site da Visão (<http://aeiou.visao.pt/>)

Criancinhas

A criancinha quer Playstation. A gente dá.

A criancinha quer estrangular o gato. A gente deixa.

A criancinha berra porque não quer comer a sopa. A gente elimina-a da ementa e acaba tudo em festim de chocolate.

A criancinha quer bife e batatas fritas. Hambúrgueres muitos. Pizzas, umas tantas. Coca-Colas, às litradas. A gente olha para o lado e ela incha.

A criancinha quer camisola adidas e ténis nike. A gente dá porque a criancinha tem tanto direito como os colegas da escola e é perigoso ser diferente.

A criancinha quer ficar a ver televisão até tarde. A gente senta-a ao nosso lado no sofá e passa-lhe o comando.

A criancinha desata num berreiro no restaurante. A gente faz de conta e o berreiro continua.

Entretanto, a criancinha cresce. Faz-se projecto de homem ou mulher.

Desperta.

É então que a criancinha, já mais crescida, começa a pedir mesada, semanada, diária. E gasta metade do orçamento familiar em saídas, roupa da moda, jantares e bares.

A criancinha já estuda. Às vezes passa de ano, outras nem por isso. Mas não se pode pressioná-la porque ela já tem uma vida stressante, de convívio em convívio e de noite em noite.

A criancinha cresce a ver Morangos com Açúcar, cheia de pinta e tal, e torna-se mais exigente com os papás. Agora, já não lhe basta que eles estejam por perto. Convém que se comecem a chegar à frente na mota, no popó e numas férias à maneira.

A criancinha, entregue aos seus desejos e sem referências, inicia o processo de independência

meramente informal. A rebeldia é de trazer por casa. Responde torto aos papás, põe a avó em

sentido, suja e não lava, come e não limpa, desarruma e não arruma, as tarefas domésticas são «uma seca».

Um dia, na escola, o professor dá-lhe um berro, tenta em cinco minutos pôr nos eixos a criancinha que os papás abandonaram à sua sorte, mimo e umbiguismo. A criancinha, já crescidinha, fica

traumatizada. Sente-se vítima de violência verbal e etc e tal. Em casa, faz queixinhas, lamenta-se, chora. Os papás, arrepiados com a violência sobre as criancinhas de que a televisão fala e na

dúvida entre a conta de um eventual psiquiatra e o derreter do ordenado em folias de hipermercado, correm para a escola e espetam duas bofetadas bem dadas no professor «que não tem nada que se armar em paizinho, pois quem sabe do meu filho sou eu».

A criancinha cresce. Cresce e cresce. Aos 30 anos, ainda será criancinha, continuará a viver na casa dos papás, a levar a gorda fatia do salário deles. Provavelmente, não terá um emprego.

«Mas ao menos não anda para aí a fazer porcarias».

Não é este um fiel retrato da realidade dos bairros sociais, das escolas em zonas problemáticas, das famílias no fio da navalha? Pois não, bem sei. Estou apenas a antecipar-me. Um dia destes,

vão ser os paizinhos a ir parar ao hospital com um pontapé e um murro das criancinhas no olho esquerdo. E então teremos muitos congressos e debates para nos entretermos.

Carta da Acção Voluntária

Projecto do Conselho da Europa

1. A acção voluntária com fins sociais não é apenas um meio legítimo por meio do qual o indivíduo realiza uma contribuição pessoal para a vida da comunidade e do bem-estar público. Todos os cidadãos têm o direito e a responsabilidade de realizar esta contribuição voluntária e de cumprir com o compromisso que adquirem.
2. Todos os cidadãos têm o direito a realizar esta contribuição seja de uma forma individual e privada, seja colectivamente com outras pessoas, no quadro de uma organização de cooperação ou ao serviço de uma entidade pública ou privada, nos termos acordados.
3. Todos os cidadãos, sem ter em conta os seus meios pessoais têm direito a realizar tal contribuição segundo as suas aptidões ou capacidades; não se impedirá a ninguém a realização de uma contribuição pessoal por falta de meios económicos ou outros obstáculos.
4. Os cidadãos que livremente dediquem parte do seu tempo a um empreendimento voluntário de trabalho social têm direito a esperar que não sejam explorados e que, entre outras coisas, seja reconhecido e respeitado por todas as autoridades o autêntico valor económico da sua contribuição.
5. Todos os cidadãos que participem voluntariamente, dentro de um quadro organizado, têm direito a esperar uma definição clara da função que vão desempenhar e ser consultados em todas as decisões importantes que afectam a sua tarefa.
6. Tanto o trabalhador voluntário social como o profissional pago devem reconhecer mutuamente as tarefas para que estão melhor capacitados e o valor da sua contribuição, sem menosprezo ou deslocamento do trabalho do outro.

Carta das Pessoas em fim de vida

1. Direito a cuidados proporcionados

Toda a Pessoa tem direito a ser tratada até ao fim da sua vida nas justas proporções, beneficiando das técnicas disponíveis mais eficazes mas sem sofrer tratamentos agressivos inúteis. Tanto quanto possível, a Pessoa deve ser associada à escolha dos cuidados que recebe.

Toda a Pessoa doente em fase terminal em que a medicina seja impotente para a curar pode pedir que sejam interrompidos os tratamentos inúteis; a suspensão de tratamentos inúteis não se pode confundir com eutanásia.

Toda a Pessoa deve beneficiar até ao fim da sua vida de cuidados analgésicos adaptados e de um cuidado personalizado que responda às necessidades físicas (nutrição, hidratação, cuidados de enfermagem, cinestupia...), psicológicas (presença atenta, respeito pelo pudor, escuta, apoio moral...) e espirituais.

2. Direito a acompanhamento da vida

Toda a Pessoa, qualquer que seja o seu estado de saúde física ou mental, deve ser olhada com respeito até ao fim da sua vida. Membro de uma

comunidade humana solidária, não deve ser considerada como inútil nem como sem dignidade. Tem direito aos cuidados paliativos e a sua morte nunca deve ser deliberadamente provocada.

Toda a pessoa tem direito a ser acompanhada pelos prestadores de cuidados e pelos seus próximos da sua confiança. Tem necessidade de relações de verdade no que concerne à sua situação, se assim o desejar e se o seu estado o permitir deve poder terminar os seus dias na sua casa.

Toda a Pessoa confrontada com uma situação difícil (diagnóstico severo, pesada dependência, angústia face à morte) ou a tentações suicidárias deve ser apoiada, reconfortada e rodeada pelos prestadores de cuidados, pelos seus próximos ou voluntários, para viver o mais em paz possível o fim da sua vida.

Nem encarniçamento terapêutico...

...nem eutanásia!

(Versão portuguesa da Carta dos Direitos das Pessoas em fim de vida)

Arca do Bebê



...actividade das nossas voluntárias no Projecto Arca do Bebê

Educação Sexual nas Escolas

SABIA QUE FOI APROVADA, NA GENERALIDADE UMA LEI QUE PRETENDE IMPOR **EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS**

OBRIGATÓRIA PARA TODOS **SEGUNDO IDEOLOGIAS SÓ** de **ALGUNS?!!!**

Sabia que esta lei impõe um modelo de educação sexual que vai abertamente contra a moral cristã e contra a escolha de muitas famílias?

Sabia que esta obrigatoriedade se estende dos 5 anos de idade até ao 12º ano de escolaridade, em todas as escolas públicas e em todas as escolas privadas que tenham parceria com o Estado?

Sabia que a família tem o dever e o direito de educar os seus filhos em liberdade, segundo os princípios ideológicos e religiosos em que acredita, conforme a Declaração Universal dos Direitos Humanos, Art. 26, assinada pelo Estado Português?

Sabia que a educação sexual dada na escola pode marcar muito negativamente as crianças e os jovens?

Veja os seguintes casos reais (com nomes fictícios, claro!):

Uma menina de 5 ou 6 anos após detalhadas explicações sobre muco vaginal vomitou em plena aula. Que ideia terá ela neste momento sobre sexualidade? Será que nesta idade isto é necessário?

Ana, de 8 anos, explicou à mãe que na aula andavam de mão dada: menino com menina, menino com menino, e menina com menina, e davam beijinhos na boca "porque os casais são assim." Será positivo promover a experimentação hetero e homossexual aos 8 anos?

Um jovem de 16 anos, abusado em criança e a fazer psicoterapia para ultrapassar o seu horror à sexualidade, viu-se numa aula com um enorme pénis erecto de borracha sobre a secretária ao qual era preciso pôr o preservativo. Foram anos de retrocesso! Se os pais tivessem sido avisados podiam ter evitado a sua presença na aula.

A Teresa teve que ver um filme na aula com imagens que a chocaram tanto que se levantava a meio da noite para falar com a mãe sobre o assunto. O filme, de desenhos animados, chocou esta criança mas a outras foi um incentivo à experimentação da actividade ali apresentada como lúdica.

Se há pais que concordam com estes ensinamentos. Há outros pais que não concordam.

Mas com a **educação sexual obrigatória** nas escolas só os pais que concordam serão livres!

Porquê?

Os pais que não concordam não têm direito à liberdade?

Ninguém pode impedir ninguém de não ter aulas de educação sexual;

Mas ninguém pode obrigar ninguém a ter aulas de educação sexual.

O tipo de educação sexual proposto nesta lei espelha uma maneira de viver a sexualidade ligado a algumas ideologias mas discrimina outras maneiras de viver a sexualidade!

Em democracia

Um grupo não pode impor a outro a sua ideologia através da lei. Isso é ditadura!

Estamos em democracia!

Esta de educação sexual nas escolas

Imposta obrigatoriamente é uma agressão e uma violência contra a liberdade dos pais e das crianças.

MUITO IMPORTANTE! Exercemos o nosso direito de cidadania e evitemos que se crie uma lei contra a liberdade de consciência de muitos pais!

Portugal Pró Vida

Iniciação à sensibilização para a Vida Conjugal



E m primeiro lugar a conviver com a outra pessoa vamos descobrindo maneiras de ser que talvez desconhecíamos...

Talvez essa pessoa rессone durante a noite...

Ou tenha preguiça para se levantar de manhã...



Texto: Segismundo Pinto
Ilustração: José Abrantes

(Cont. no próximo número)

O Natal no ATL das Enguardas



Carta para uma cultura de respeito pela Vida

A Associação Famílias, membro do INSTITUTO INTERNACIONAL FAMILIARIS CONSORTIO, decidiu divulgar a presente Proposta para uma CARTA PARA UMA CULTURA DE RESPEITO PELA VIDA, nos países onde aquele Instituto está presente, por isso, está editado em quatro importantes línguas: alemão, francês, inglês e português.

O INSTITUTO INTERNACIONAL FAMILIARIS CONSORTIO nasceu por vontade e determinação da MILITIA SANCTAE MARIAE, assinalando o 28^a aniversário da Carta Encíclica Familiaris Consortio, de João Paulo II, como concretização da sua vocação universal e contributo para a NOVA EVANGELIZAÇÃO.

A presente Proposta mereceu a análise e comentários de diversas personalidades de reconhecido mérito e competências na matéria, e nela foram incorporados esses elementos.

O INSTITUTO INTERNACIONAL FAMILIARIS CONSORTIO celebra, deste modo os 60 anos da Declaração Universal dos Direitos do Homem contribuindo, assim, para uma

“... a sociedade não tem por vocação organizar a morte de ninguém: nem da criança por nascer, nem do grande doente em fase terminal, nem dos velhos no final da vida...”

(Cardeal Vingt-Trois-Arcebispo de Paris)

1. Cada ser humano é uno, único, insubstituível e irrepetível.
2. O primeiro e principal direito humano é o direito à vida que é inviolável. A vida humana, desde a concepção até à morte natural tem um valor absoluto.
3. O Homem, quaisquer que sejam as funções sociais, políticas, médicas, culturais ou outras que exerça, não pode considerar-se e agir como dono da vida humana. Por isso, são de condenar todas as tentativas de selecção eugenista, experiências sobre e com embriões humanos, a clonagem e hibridação de gâmetas humanos com gâmetas de outras espécies.
4. A transmissão da vida é uma função e um dom que se deve realizar e viver no seio de uma conjugalidade fiel e estável. Um filho não é um objecto a que se tem direito.
5. Cada Pessoa Humana tem o direito a conhecer a identidade do seu Pai e da sua Mãe e, sempre que possível, a viver com eles e deles receber o Amor que carece para se desenvolver harmoniosamente.
6. Toda e qualquer forma de violência exercida sobre uma Pessoa Humana, independentemente da sua idade, sexo, raça, religião, opção religiosa e outras características que ofendam ou violem a sua integridade física e psicológica deve ser banida e denunciada como um crime contra a humanidade.
7. A eutanásia, o suicídio assistido, a pena de morte e outras formas de pôr fim a uma vida são verdadeiras agressões contra as pessoas. A sociedade não o pode tolerar, mesmo em nome da compaixão, da justiça ou do chamado direito a morrer com dignidade.
8. A fome e todas as formas de pobreza são intoleráveis e não são compatíveis com a dignidade da Pessoa Humana, com o Progresso e Desenvolvimento a que todos temos direito. Constituem uma agressão violenta aos Direitos Humanos fundamentais a começar pelo direito à vida.
9. A Pessoa Humana doente, inválida, idosa ou de qualquer outra forma limitada na sua autonomia e saúde tem direito ao apoio do Estado para poder ser acompanhada pelos seus familiares mais próximos até ao fim natural da sua vida.
10. Toda a Pessoa Humana tem direito a viver numa sociedade justa, ecologicamente equilibrada e também o dever de contribuir para um ambiente humano e natural com qualidade e onde a vida, a começar pela do Homem, possa desenvolver-se de forma harmoniosa.



Desenho: Carolina Barros

Assim:

1. Todos os decisores políticos, económicos, sociais, culturais, todos os media e outros intervenientes nas causas públicas deverão ter como primeira e principal preocupação o superior interesse da Pessoa Humana e da sua Família.
2. Todos os cidadãos, livres e responsáveis em liberdade e com responsabilidade, devem não só conhecer os seus direitos/deveres como comprometerem-se a lutar por eles, quaisquer que sejam as condições em que vivam.
3. Todas as Famílias devem tomar consciência que são o berço da humanidade e que é por aí que passa o futuro que todos nós queremos mais responsável, justo e equitativo, principalmente na defesa dos direitos dos mais débeis e excluídos.

Só uma pedagogia de respeito pela vida, de toda a vida, pode salvar esta sociedade que está a tornar-se tolerante com todas as ofensas à vida e promotora de uma cultura da morte.



Nascer antes do tempo

Neonatologia O segundo nascimento

Ao fim da tarde, depois de um dia calmo, Carla decidiu repousar um pouco. Os dias de Fevereiro estavam frios e a chuva começara a cair suavemente. Talvez o sonho de água venha do céu. Mas quando acordou, sobressaltada, encharcada, a partir desse momento o mundo começaria a ser diferente...

Maria Alcinda segura o Miguel com ternura. Olha-o, encosta-o ao seu corpo e deixa que ele permaneça assim alguns momentos. O Miguel é o segundo filho de Alcinda. O primeiro já tem 12 anos, mas o casal decidiu ter outro filho. Tentaram. Teve um aborto aos 37 anos e, aos 39, engravidou do Miguel. «Foi um filho desejado».

Alcinda sempre imaginou uma gravidez normal. Contudo, as coisas não foram como os desejos. Logo no início foi obrigada a estar quase um mês de repouso, mas «por amor nada cansa». Depois, pôde fazer a vida normal, claro que com alguns cuidados. «Como o sentia muito no fundo da barriga e tinha de andar sempre a correr para a casa-de-banho, quando vim à consulta falei disso à médica. E ela, para me tranquilizar, fez uma ecografia e disse que estava tudo bem. A 28 de Dezembro, quando fui à casa-de-banho, reparei que me saiu muito líquido. E antes de jantar saiu novamente. Quando liguei à médica ela disse para ir logo para o hospital».

Nesse dia Maria Alcinda ficou internada. Passou o Ano Novo no hospital e, a 3 de Janeiro, teve as primeiras contracções. «Às vezes nem gosto de falar destas coisas». Medicada, sentia que as dores iam aumentando, associando essas dores aos intestinos. Com as contracções, o parto estava iminente. Tudo apontava para um parto normal, mas as coisas complicaram-se, pois vários obstretas acharam que o bebé tinha o cordão à volta do pescoço. Foi decidido realizar uma cesariana de urgência e, mesmo antes de Alcinda chegar ao bloco operatório, ainda na maca, nos corredores do hospital, o Miguel começa a nascer. «Ele só ficou preso pelos pés. Quase nasceu por ele». Tinha 27 semanas e pesava 1,020 kg. Estávamos a 5 de Janeiro. «Estava tranquila, olhava para aquelas luzes todas...».

Depois, tudo foi diferente. Alcinda viu o Miguel por momentos logo a seguir ao parto. Mas só o voltaria a ver no dia 7, nos cuidados intensivos da maternidade Júlio Dinis, no Porto. Pegaria no Miguel o pai no dia 6, assim, encostado ao corpo. Para Alcinda «foi muito duro. Ele baixou para os 0,890 kg. Esteve lá até 14 de Fevereiro. Fui lá todos os dias durante esse tempo».

Alcinda é de Moure, Vila Verde. Fazer a viagem diariamente, o cansaço, o pequeno Miguel, deixa marcas. «O meu primeiro filho nasceu com 3,300 kg. Mas não fiquei impressionada com o Miguel. Apesar de ser muito pequenino, achei que era um bebé muito composto, não se notavam os ossos, era perfeito, muito moreno. Fiquei feliz por saber que ele tinha conseguido sobreviver, foi uma alegria. Claro que tenho medo de que alguma coisa corra mal». Mas nada correrá mal.

Miguel dorme no pequeno berço no Serviço de Neonatologia do Hospital S. Marcos. «Mas vê-lo nos cuidados intensivos assustou e custou muito. E a separação é dolorosa. Tomei muita medicação. Ele era aspirado de 3 em 3 horas, estava com oxigénio, era picado, foi muito complicado». Agora, o Miguel está a crescer e a ganhar forças e já pesa perto de dois quilos e meio. Ainda internado, há pequenas sombras que assustam os pais. Mas dessas não vamos falar. «Estou feliz porque ele passou uma barreira grande e estou à espera do momento em que ele irá para casa. Eles são lutadores, lutam pela vida».

Miguel sossegado, a dormir embrulhado nos lençóis dos pequenos ursinhos do hospital, no som de alarmes que controlam a vida dos bebés. Pela vontade, o Miguel, o campeão, como lhe chamaram os médicos, vai ultrapassar as próximas barreiras e dará à mãe, ao pai e ao irmão, que lhe escolheu o nome, o sorriso e a alegria dos ursinhos com que dorme todos os dias.

Mais desejado o Daniel não poderia ser. A gravidez, no início um pouco complicada, com repouso absoluto durante um mês, tornou-se uma gravidez normalíssima, apesar dos cuidados devidos que seria necessário ter. Carla, encantada com a barriga a crescer, em forma de Lua, embalava Daniel com estrelas mágicas e cantigas de sonho. Mas o rapaz era mexido, irrequieto. Devia fazer do ventre da mãe um parque de diversões. Nem as baladas desafinadas do pai o acalmavam. Talvez ainda o fizessem mover mais.

Assim, nesse fim de tarde de 22 de Fevereiro, Daniel devia ter rebentado a sua bolsa da vida com os seus movimentos, com as suas traquinices, com os seus sonhos. Tinha 32 semanas e devia continuar no mundo líquido. Sem perder tempo, Carla foi para o hospital e, na noite de 23, foi operada de urgência para Daniel sair. Apesar da pressa do rapaz, no parto, quando sentiu o frio e o mundo que o esperava, talvez se tenha arrependido, tornando o momento complicado para médicos e enfermeiros.

Nessa noite é internado no Serviço de Neonatologia do Hospital S. Marcos. De manhã, quando o pai o vai ver, o pequeno Daniel, com 1,700 kg., que baixaria para um 1,495 kg., estava ligado ao oxigénio, com vários sensores no corpo. «Nunca tinha visto ser tão pequeno. Era meu filho. Senti um aperto no coração, comecei a transpirar e sei que alguém falou comigo, não sei o quê nem quem. Sentei-me e fiquei a olhar o pequeno rapaz. Ele estava ali, vivo, com uma respiração estranha, todos os ossos do tórax salientes, magro, aquecido por luzes. A sensação é de alegria e de medo pela fragilidade da criança. Tudo se pensa, mas ali o mundo não tem conclusões».

O Daniel respirava. Sem as músicas da mãe, o pai também não conseguiria cantar. Carla também estava internada. E o pai, entre os dois, sentia o mundo rarefeito de ar...

A realidade dos prematuros é pouco conhecida, mas cada vez mais há um maior investimento humano e material nestas crianças que decidem vir ao mundo precocemente. Contamos as histórias do Daniel, do Miguel, da Inês e da Bárbara. E, em silêncio, na penumbra, vamos olhar o Serviço de Neonatologia do Hospital S. Marcos, em Braga.

Texto de Eugénio Pinto

A Inês ainda depende do ventinho. Sorri muito e quando se coloca a tetina na boca sossega logo. Está gordinha, engraçada, com um rosto redondo, muito branco, encantador.

Julieta Ferreira, de 40 anos, tem mais dois filhos. Um rapaz de 18 anos e uma menina de 14. «A Inês aconteceu. Tinha um fibromioma e estava em lista de espera para ser operada, mas fiquei grávida sem contar. Quando descobri, com uma ameaça de aborto, estava grávida de 3 meses. Fui internada e depois de ter Alta estive em casa em repouso absoluto, nem à casa-de-banho podia ir».

Desde o início que Julieta sabia que Inês seria prematura. Nasceu com 29 semanas devido a uma ruptura de bolsa. Foi assim: Depois de observada, Julieta ficou logo internada e foi transferida para o Hospital de Matosinhos antes que Inês nascesse. Em Matosinhos esteve dois dias e, depois, foi transferida para o Hospital de Guimarães. Chegou às três horas da tarde a Guimarães no dia 24 de Dezembro. Às quatro e vinte, Inês tinha nascido. A prenda de Natal antecipara-se um pouco. «Estava preparada para um bebé prematuro, mas não tanto. Ela tão pequenina. Nasceu com 1,200 kg. e depois baixou para 1,000 kg. E o que me custou a aceitar foi o oxigénio, pois as outras crianças largavam-no e ela estava sempre depende dele».

Em Guimarães, durante três semanas, Julieta nunca saiu de perto da filha. «Mas como sou de Braga e tenho mais dois filhos, queria vir para Braga. Estive lá noite e dia, foi muito pesado. E passa-se um dia e passa-se outro e a Inês continuava na mesma. Era frustrante. Tem o problema da respiração. Há pouco tempo comecei a conformar-me com isso, mas que foi difícil aceitar foi, porque estava à espera de um bebé que se desenvolvesse como os outros e ela está assim um bocadinho mais complicada».

É desse ventinho de que Inês depende. Sem o ar, as saturações de oxigénio no sangue baixam repentinamente. Inês, nesses momentos, parece um peixinho fora de água à procura de vida, do mar. Mas este facto é normal em bebés que nasceram antes do tempo. Em bebés prematuros pode haver um atraso no desenvolvimento dos pulmões e esse atraso, com o tempo, é superado. Mas não se sabe quando e, na sua respiração de vaga de mar, Inês silencia-se no vento da maresia.

Para Julieta, quando viu pela primeira vez Inês, o impacto foi «assustador. Quando nasce um bebé normal eles já são pequeninos, mas como a Inês... porque vê-se uma coisa tão pequena que queremos tocar mas nem se sabe aonde nem como lhe pegar. É muito confuso porque é muito pequenina e tinha a sensação dela nos poder escorregar pelas mãos, e isso era assustador. Depois começa-se a pegar uma vez, e outra... e agora já tem mais de três quilos. Mas é um desgaste muito grande. Tive de largar tudo para me dedicar somente à minha filha. E enquanto ela não largar o oxigénio, enquanto não for uma menina estável para a entregar a uma ama ou pôr num colégio, não penso em trabalhar tão cedo».

Brevemente, sabe Julieta que Inês irá para casa. Talvez ainda com o ventinho. «Será tratada por mim em casa com muito amor. Não foi programada mas foi muito desejada. Foi um susto muito grande, mas já passou, já está a compensar. Claro que Inês é diferente dos meus outros dois filhos. Dou tudo por eles, mas esta é muito especial. E custa muita sair daqui e chegar a casa e perguntar sempre se estará bem. Sei que está bem, mas não há nada como os ter em casa».

E, acompanhada do vento da maré, Inês já deve estar a dormir sossegadamente em casa. Sabe que um dia não mais precisará desse ar, tudo será normal. Nessa altura, olhar o mar, sentir o vento, terá o encanto dos sons para Inês.

De cadeira de rodas, Carla veria Daniel ligado àquela confusa maquinaria. Habituada aos sons, deixou o olhar repousar nele. «Sempre o amei. Era o meu pequenino, o meu menino. De certeza que tudo correria bem. Ele sempre foi muito irrequieto, talvez tenha querido vir cá para fora mais cedo. Vou tê-lo comigo antes dois meses».

Carla mantém o olhar nele. Toca-lhe. Ali o mundo pára, torna-se lento, em movimentos de serenidade. Sabe que terá de permanecer no Serviço de Neonatologia durante longo período. De Daniel não sabe o que pensa. «O meu menino. Sempre disse que seria o meu pequenino, e é mesmo pequenino. Já tinha as malas feitas, as minhas e as dele, desde o sexto mês. Estive sempre pronta para que me pregasse uma partida».

Coloca-lhe a mão suavemente no pequeno rosto, canta-lhe uma música e diz, de olhos brilhantes, que «é um anjo. As estrelas mágicas dos anjos estarão sempre com ele. É nisso que todos aqui temos de acreditar».

Daniel respira ofegantemente. Estará ligado ao oxigénio poucos dias e passará para uma incubadora enquanto cresce...

A Bárbara foi planeada ao pormenor. A única coisa que não foi planeada foi ela ter nascido antes do tempo. «Quando a minha esposa me ligou, no dia 3 de Março, a dizer que a Bárbara ia nascer, foi uma surpresa completa. Provavelmente, por causa da hipertensão que a minha esposa estava a ter no momento, a placenta envelheceu muito rapidamente e a bebé estava em sofrimento». Rui Costa, o pai, de 34 anos, nunca imaginou que isto pudesse acontecer.

Assim, no dia 3 de Março, ao fim da tarde, Bárbara nasceu. Tinha 34 semanas, mas por

Dia Europeu da Criança por Nascer

25 de Março



Convite

Tal como em 2008, a Militia Sanctae Mariae (Portugal) convida os cristãos a associarem-se à oração por todas as crianças por nascer e a quem é negado o direito à vida. O dia 25 de Março, por sugestão de João Paulo II, é o Dia Europeu da Criança por Nascer. Um pouco por toda a Europa este é o dia em que milhares de católicos se juntam em comunidade a rezar e a meditar de uma forma especial no Evangelho da vida. Assim, em Braga, às 19 horas, na Igreja da Senhora-a-Branca, a Missa celebrada terá, também, aquela intenção, precisamente no dia em que a Igreja recorda a visita de Maria a Sua Prima Isabel.

Será, pois, uma ocasião de celebrarmos a nossa oração pela vida, de anunciarmos o valor imenso da dignidade da Pessoa Humana, da concepção à morte natural.

Sabemos, acreditamos e defendemos que a vida Humana, mesmo por nascer, merece todo o nosso respeito e amor. Por isso, convidamos os cristãos a associarem-se a esta Eucaristia.

Deste Dia Europeu da Criança por Nascer queremos, tal como sugeria João Paulo II (cf. Evangelium Vitae, 95), contribuir para "uma mobilização geral das consciências e um esforço ético comum" e para uma "estratégia a favor da vida. Todos juntos devemos construir uma nova cultura da vida"

O caso da menina brasileira

A comunicação social deu-nos, como já se tornou habitual, no que respeita à Igreja Católica, uma mensagem incompleta, distorcida e tendenciosa sobre um facto impressionante: uma criança brasileira de nove anos abortou de gémeos e a Igreja brasileira tê-la-ia excomungado (vi na RTP assim esta notícia, p.ex.). Deixem-me transcrever a notícia que a agência Zenit divulgou em 11 do corrente e que ajuda a questionar-mo-nos sobre a sociedade em que estamos e a esclarecer um triste e lamentável caso. Aqui fica, na íntegra a referida notícia publicada pela Agência ZENIT no dia 10 de Março:

«O novo arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Orani João Tempesta, considera que uma pergunta não foi feita no caso da menina brasileira de nove anos estuprada pelo padrasto, tendo ficado grávida e os fetos submetidos a aborto: «por que chegamos a isso?».

Antes de desenvolver o artigo em que comenta o caso – texto difundido ontem pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) –, o arcebispo chama a atenção para o fato de que muito do destaque da mídia brasileira ao episódio foi dado por emissoras de comunicação «mandadas por grupos religiosos independentes».

Ao prosseguir seu artigo, Dom Orani questiona: «quando uma pessoa que, tendo seus desequilíbrios emocionais, é capaz de usar sexualmente e brutalmente de uma criança a sociedade deveria se perguntar: "por que chegamos a isso?"». «Do modo que coisas se movem no mundo, é bem capaz que o que hoje é crime amanhã seja virtude, como já aconteceu em muitas outras situações – veja-se nesse caso toda a campanha pró-aborto.»

No caso da gravidez da menina, Dom Orani considera que «a magistratura só soube oferecer um tipo de ajuda: a de matar a criança

por nascer e ainda ameaçando a mãe da menor que estava nessa situação. Fala-se tanto de direitos para todos e critica-se a Igreja por defender a todos».

«Interessante é o depoimento da mãe da adolescente, que testemunhou que o único lugar em que não foi maltratada e sim respeitada foi o escritório da Caritas. Em todos os demais lugares só recebeu acusações e maus-tratos», escreve. Mas –prosegue Dom Orani– «a pergunta ainda continua: por que essas coisas acontecem? A nossa resposta está na mudança de época e de cultura que ora vivemos».

«A desvalorização da vida, da família, dos valores, da fé acabou conduzindo-nos a um estilo de vida hedonista, subjetivista, consumista e laxista, que parece não ter volta.»

«Mas nós acreditamos que o nosso mundo tem jeito! É essa nossa esperança e nossa luta!», escreve.

«As situações degradantes e complexas irão aumentar enquanto não avançarmos para uma sociedade moderna, onde as pessoas se respeitam, respeitam a vida e sabem cultivar valores.»

«Enquanto vivermos na "idade da pedra", resolvendo as coisas matando os inocentes e criando violência em nossa frágil sociedade, o homem sempre terá saudade da utopia do "mundo novo", afirma o arcebispo.

Dom Orani convida os católicos a pensarem «sobre esses caminhos por onde hoje andamos enquanto vivemos a Quaresma e a Campanha da Fraternidade, que questiona justamente as bases de nossa sociedade», ao discutir a questão da violência e da segurança pública.

«Da resposta que dermos a essas interrogações dependerá o nosso futuro», afirma.

Neonatologia

O segundo nascimento

Continuação da página anterior...

volta das 32 tinha deixado de se alimentar, apesar dos órgãos principais se manterem em funcionamento. «Tive uma gravidez sem enjoos, nunca me senti mal, nunca deixamos de fazer nada, esteve sempre tudo muito bem. E, embora estivéssemos a planear, descobri pelos 3 meses que estava grávida». Na verdade, pouco mais de 4 meses Vânia Barbosa pôde sentir a gravidez.

Para Rui Costa «o primeiro impacto foi terrível. Estava à espera de tudo, mas nunca pensei que isto me pudesse acontecer, nem estava minimamente preparado. Apanhei o maior choque da minha vida. Foi o impacto de ver uma criança assim, estava muito assustado». Bárbara não tinha 1,500 kg. quando nasceu e perdeu peso até 1,265 kg. Agora, já a recuperar, na incubadora, tem por companheiras duas meninas, duas Inês. «Emocionalmente põe uma pessoa de rastos. Mas agora perdeu a cara de sofrimento que tinha, tem uma cara de satisfação. As pessoas que trabalham neste serviço são de uma sensibilidade e humanidade fantástica, a paz que eles nos passam...». Bárbara é comprida, dedos de mãos e pés longos, como a anunciar que crescerá rapidamente.

Apesar de explicarem que todos os tratamentos são normais, «para nós nada é normal. Eles são tão frágeis. O meu marido, entre o serviço de Obstetrícia e Neonatologia, dizia-me sempre que estava tudo bem». Vânia, depois da cesariana de urgência, tinha de estar em repouso. Rui movia-se entre os serviços. «Acredito que tudo acontece por alguma razão. E alguma coisa mudou em mim, não só pela paternidade, é o primeiro filho, mas saio daqui uma pessoa diferente. Agora ando ao ritmo da Bárbara e o que quero é que esteja tudo bem quando ela sair daqui, demore o tempo que demorar».

E enquanto Bárbara dorme aquecida na incubadora, Vânia e Rui vão repousar. «O que nos acalma quando saímos daqui à noite é a confiança que temos nos profissionais». Logo que chegue a casa, Vânia pegará no telefone e ligará para o serviço, só para saber se está tudo bem. De certeza que Bárbara sabe que é a mãe a telefonar, mas ainda nada pode dizer.

Depois é uma questão de tempo. «Tudo gira em função dele. Mudamos tudo por ele. Ele é frágil e somos nós que temos de o proteger». Carla muda-lhe a fralda. Daniel, ainda com a sonda na boca, um fino tudo pelo qual é alimentado, tornou-se sossegado. Na incubadora, com humidade e temperatura constantes, permanece a crescer no mundo.

Sem o soro, sem os múltiplos sensores, hoje Daniel tomou banho fora da incubadora. Chorou e, pela primeira vez, agarra-se à mama da mãe. Quando Carla o coloca novamente na incubadora para aquecer, reparo que, de olhos bem abertos, Daniel sorri para Inês, mesmo ali ao lado, não numa incubadora, no berço com o cobertor dos ursinhos. Não reparei se Inês sorriu.

«Temos de dar tempo ao tempo, levar estes momentos com calma. Custou-me imenso deixá-lo cá durante as noites. Fiquei aqui três noites seguidas, mas era extenuante e não tinha depois resistência para olhar por ele durante o dia. Ele está bem. Tem de crescer, ganhar peso, ter força. Os meus sonhos são sempre com ele. Até de noite penso que o tenho a meu lado e que o estou a amamentar. Brevemente irá para casa e sei que terei de ter cuidados redobrados com ele».

De noite, Daniel, embalado pelas músicas da mãe e pelas estrelas mágicas dos anjos que ela diz existirem, vai dormindo e, quando acorda, deita o olho para ver Inês. E ambos adormecem em vagas de mar, em estrelas de anjos, na magia do tempo que adormece todos os meninos.



20/12/2008

Dr. GILBERTO CANAVARRO DOS REIS
BISPO DE SETÚBAL

«pede o erro do espírito em um
lugar de este por um culto de respeito
pelo mal, felicita-o por isso e encoraja-o
a continuar no espírito de Jesus e de
depois em st. Natal + Gilberto é seu»

O Drama do Casamento

Apresentamos de seguida dois artigos que nada têm em comum, à excepção de ambos versarem sobre um tema que afecta em muito a instituição familiar: o casamento.

Estaremos perante dois artigos de opinião, um publicado no jornal O Povo do Lima, que aborda o "Casamento" de pessoas do mesmo sexo, e outro que se refere às palavras do senhor Cardeal Patriarca de Lisboa e que dizem respeito ao casamento entre pessoas de diferentes confissões religiosas, e que foi publicado no Jornal Expresso, no dia 17 de Janeiro.

Julgamos que vale a pena ler...

Legalizar o casamento homossexual significa a breve prazo a adopção de crianças por homossexuais, pois ainda que no imediato não se fale sequer nesta hipótese, quem apoia uma coisa, apoia a outra.

Sempre a instituição do casamento foi um contrato entre pessoas de sexos diferentes. Ao aceitar-se que o casamento se pode celebrar de igual modo entre pessoas do mesmo sexo, para além de alterarmos a sua natureza, estamos a violar todos os princípios de direito e de moralidade conhecidos até hoje e avançamos vertiginosamente em direcção a um precipício moral perigoso que vai colocar em questão a maior instituição da sociedade, e o seu suporte, que é a FAMÍLIA. O casamento homossexual nunca foi implementado em nenhuma civilização, e mesmo nas sociedades onde a homossexualidade era permitida e até fomentada em certas idades e classes sociais - Grécia antiga -, o casamento era uma união estável entre um homem e uma mulher, aberta a terem filhos, pelo que o casamento de pessoas do mesmo sexo é uma experiência social inédita nunca anteriormente tentada, para além de irresponsável e perigosa. Os políticos que defendem esta experiência, fazem-no por razões ideológicas de repúdio à Família e não por qualquer razão científica. Admitir-se a união entre homossexuais é uma coisa, chamar-se casamento a essa união é outra muito diferente.

É, além do mais, incorrecto afirmar-se que uma união entre duas pessoas de mesmo sexo forma um casal. Nos diversos dicionários consultados para a palavra casal, s.m. encontra-se: conjunto de macho e fêmea (homem e mulher); marido e mulher unidos por casamento; Família, o termo é assim exclusivo dos pares heterossexuais.

À semelhança da maioria da população mundial, os Portugueses são esmagadoramente contra esta ideia absurda, sugerida recentemente pelo secretário-geral do Partido Socialista - e actual Primeiro-ministro - o Eng. José Sócrates que propôs, para a próxima legislatura, o casamento entre duas pessoas do mesmo sexo. Com esta luminosa ideia está o actual Primeiro-ministro a piscar o olho à esquerda radical. Aliás dentro do próprio Partido Socialista há muitas vozes contrárias a esta posição. Veja-se por exemplo as recentes declarações do ex-Presidente da República, Dr. Mário Soares sobre o assunto, do deputado Manuel Alegre, etc.

Qualquer tentativa para alterar o verdadeiro conceito de casamento, só é legítima, se for objecto de um referendo nacional. Pelo que é de todo conveniente e sério que os candidatos a Deputados para a próxima legislatura revelem as suas posições sobre o assunto. É que votar não é dar um cheque em branco àqueles que nos representam. Os políticos não podem justificar o que não tem qualquer espécie de justificação, legalizar a ilegalidade e moralizar a imoralidade.

Se efectivamente o problema existe - mas existem tantos outros mais prioritários - é imperioso procurar alguma solução para o mesmo, que não passa pelo necessariamente pelo recurso ao casamento, reservado como se disse a pessoas de sexo diferente.

É preciso lutarmos enquanto nos restam forças, contra todas as medidas, que têm como único objectivo acabar com a Família, o maior pilar de sustentação da sociedade; se o não fizermos seremos os verdadeiros responsáveis pelo descalabro da nossa sociedade.

Já sabemos que se o Partido Socialista ganhar as próximas eleições, o casamento entre duas pessoas do mesmo sexo será institucionalizado, com todas as consequências daí resultantes: os livros escolares dos nossos filhos dirão que a homossexualidade é normal; será promovida a ideia de que todas as crianças devem poder descobrir a sua sexualidade e qual o sexo que mais lhes atrai.

Legalizar o casamento homossexual significa a breve prazo a adopção de crianças por homossexuais, pois ainda que no imediato não se fale sequer nesta hipótese, quem apoia uma coisa, apoia a outra.

A Suécia, que foi o país pioneiro a legalizar este "casamento" em 1995, viu, 7 anos depois, em 2002 a aprovação da adopção de crianças por estas uniões e, neste momento, quem criticar a homossexualidade pode incorrer em multas ou pena de prisão (veja-se o que aconteceu a um pastor luterano que referiu as palavras de São Paulo sobre o assunto). Também no Canadá criticar a homossexualidade tem levado muitas pessoas a tribunal. O mesmo acontecerá no nosso país a médio prazo caso a proposta do Eng. Sócrates seja aprovada.

Responsáveis do lobby gay em Espanha, reconheceram recentemente que o principal objectivo da sua luta não é o casamento, uma vez que na realidade poucos se querem casar, mas sim a destruição do matrimónio heterossexual.

Atenção pois, caros leitores, aos nossos políticos, que pretendem, através da exigência da legalização deste 'casamento' mudar a sociedade acabando de vez com o matrimónio monogâmico e por toda a vida em que não crêem e que é o suporte da família, bem como conceitos como a fidelidade, monogamia, compromisso, fecundidade, paternidade, maternidade.

No próximo acto eleitoral temos de eleger aqueles que julgamos que melhor defendem o valor fundamental de qualquer sociedade - A FAMÍLIA - constituída por um homem e uma mulher e que é o melhor enquadramento para a geração e a educação dos filhos.

José Aníbal Marinho Gomes

"Cautela com os amores. Pensem duas vezes em casar com um muçulmano, pensem muito seriamente, é meter-se num monte de sarilhos que nem Alá sabe onde é que acabam"



Foto: RTP

As suas palavras foram mal interpretadas.

Publicamos de seguida uma crónica da autoria de Henrique Monteiro, publicada no Jornal Expresso, no dia 17 de Janeiro e que tem como título:

As indigestas palavras do cardeal

Três histórias simples para enquadrar uma mais complicada: *um dia, num país islâmico, há mais de 20 anos, o guia, motorista e tradutor que me acompanhava convidou-me para ir a sua casa. Disse-me mal daquele regime teocrático e - como grande prova de confiança em mim - pediu à mulher que me mostrasse o cabelo, o que ela, timidamente fez, como se na nossa cultura não fosse a coisa mais trivial do mundo ver o cabelo de uma mulher. É que as mulheres daquele país, por lei - lei do Estado, não só lei religiosa -, só podem mostrar o cabelo aos pais, filhos e maridos.*

Um dia, em Maputo, um muçulmano meu amigo, oriundo de Cabo Delgado, no Norte do país, insistiu para que jantasse com ele. O meu amigo bebeu álcool (embora muito pouco e mesmo assim sob o olhar reprovador da mulher, que não usava véu). A conversa foi sobre temas diversos e poderia ter sido a mesma com um casal católico ou judeu.

Há cerca de 20 anos, o Expresso no âmbito de um inquérito que fez a Jorge Sampaio (e no qual colaborei) perguntou-lhe o que faria ele se um dos seus filhos se casasse com um negro. Ele respondeu que jamais se oporia, mas que aproveitaria a oportunidade para chamar a atenção desse filho para as prováveis diferenças culturais que iria encontrar.

Estas três histórias vêm a propósito da quantidade de palavras, a meu ver erradas, que se disseram acerca de uma intervenção do cardeal-patriarca de Lisboa. D. José Policarpo referia-se ao cuidado - "cautela", disse ele - que as jovens portuguesas devem ter ao casar com um muçulmano. Reparem que ele não disse que elas não se deviam casar, ou que qualquer casamento seria infeliz. Disse apenas que deviam ter cautela. Ou, de outro modo, disse o mesmo que Jorge Sampaio, ou o que diria qualquer pessoa sensata - chamou a atenção para o provável choque cultural. Encheram-se páginas de mulheres casadas com muçulmanos e que são felizes. Bebo à sua saúde. Se são felizes, fizeram bem em casar-se com os homens que desejaram. Mas há milhões de páginas negras de vil submissão, humilhação e maus-tratos físicos - que são legais (sublinhe-se esta palavra 300 vezes) - em certos países islâmicos, como a Arábia Saudita, para dar um exemplo. Cautela, pois, como diz o cardeal-patriarca. A chicotada, a chapada, a impossibilidade de sair de casa, o repúdio puro e simples pode esperar a mulher incauta.

Isto é desconhecido? Não! É mentira? Não! É racista? Não! É uma afirmação verdadeira, mas daquelas verdades que ninguém quer que se digam. Estas verdades estragam as construções e engenharias sociais em que se baseia a nossa cultura. Por isso preferimos raciocinar sobre construções a fazê-lo sobre a realidade para assim construirmos um mundo de fantasia. Na presente edição em banca, pode ler-se uma reportagem sobre alguns casamentos entre muçulmanos e portuguesas. Como se fica a perceber, a realidade é, por vezes, perversa.

Ficha Técnica

Título: Infâmias
Director: Filipe Amorim
Propriedade: Associação Famílias
Processamento de texto: Ana Paula Massa
Morada: Rua de Guadalupe nº 73 | 4710-298 Braga

Impressão: Diário do Minho - Braga
Nº Inscrição: 418457
Periodicidade: Trimestral
ISSN: 1646-9305
Tiragem: 1000 exemplares
Depósito Legal: 284438/08

Associação Famílias

Sede:
Rua de Guadalupe, n.º 73 | 4710-298 Braga
Telef / Fax: 253 611 609 | associacao.familias@gmail.com

Delegações:
Bragança:
Rua Emídio Navarro | 5300-210 Bragança
http://associacaofamiliasbraganca.blogspot.com
asfamil.braganca@gmail.com
Viana do Castelo:
Mercado Municipal de Ponte de Lima | 4990 Ponte de Lima
dv.associacao.familias@sapo.pt



1. Entendemos que a nossa acção presente e futura deve assentar num conjunto de princípios que orientem a nossa forma de servir e promover a Família. Assim, serão divulgados os seguintes «Princípios Directores» da actividade da Associação Famílias:

Princípios Directores

I

«A Família é o elemento natural e fundamental da sociedade e tem direito à protecção desta e do Estado» (Declaração Universal dos Direitos Humanos», Art.º 16.º-3).

II

«Aos pais pertence a prioridade do direito de escolher o género de educação a dar aos filhos» (idem, Art.º 26.º-3).

III

«O direito de se casar e fundar uma família é reconhecido ao homem e à mulher a partir da idade núbil» (Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos - Art.º 23.º-1).

IV

«O bem estar da criança depende do bem estar da família». «O interesse prioritário da criança é ser educada pelos seus verdadeiros pais» (Declaração sobre os Princípios Sociais e Jurídicos Aplicáveis à Protecção e Bem-Estar das Crianças Tendo em Conta Sobretudo a Prática da Adopção e da Colaboração Familiar nos Planos Nacional e Internacional - Art.º 2.º e 3.º).

V

A Família tem «o direito à estabilidade do vínculo e da instituição matrimonial» (Carta dos Direitos da Família - Santa Sé).

VI

«A criança, por motivo da sua falta de maturidade física e intelectual tem necessidade de uma protecção jurídica adequada, tanto antes como depois do nascimento» (Declaração dos Direitos da Criança).

VII

«As pessoas idosas ou diminuídas têm igualmente direito a medidas específicas de protecção que correspondem às suas necessidades físicas ou morais» (Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos - Ar.º 18.º-4).

VIII

«Os cônjuges gozarão de direitos iguais (Projecto da Declaração Universal dos Direitos Familiares da Pessoa e dos Direitos Sociais da Família - Art.º 4.º-2).

IX

«Toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente para lhe assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar...» (Declaração Universal dos Direitos Humanos - Art.º 25.º-1).

X

O Estado deve «garantir para todos, em especial para as pessoas de escassos recursos e para as famílias numerosas, alojamento condigno e assistência pública adequada» (Declaração Sobre o Progresso e Desenvolvimento no Domínio Económico e Social - Art.º 10.º - F).

2. Entendemos, também, que há «instrumentos» fundamentais que estruturam a nossa forma de agir. Destacar-se-ão, pela sua relevância: Carta dos Direitos Humanos» (ONU); encíclica «Familiaris Consortio» (Santa Sé); «Carta dos Direitos da Família» (Santa Sé); «Declaração dos Direitos da Criança» (ONU); a instrução da Congregação para a Doutrina da Fé «Donum Vitae» (Santa Sé); etc.